

Homenagem: Alfredo Bosi e a Crítica genética

Philippe Willemart¹

Lamentamos muitíssimo o falecimento do professor Alfredo Bosi no dia 7 de abril de 2021. Grande leitor como já foi ressaltado na imprensa, exímio conhecedor das literaturas clássicas, europeias e brasileira, generoso em aceitar a participação em bancas de mestrado a titular, tolerante em relação a opiniões diferentes, professor de graduação exigindo a escuta atenta do desenrolar rápido de seu pensamento, não estava indiferente aos avanços da crítica genética.

Ele me disse uma vez numa conversa de corredor que graças à crítica genética, a crítica literária se ampliará e beneficiará a literatura brasileira. Alguns trechos dos prefácios que escreveu para quem ele tinha “afinidades eletivas”,² testemunham seu interesse, sua compreensão e sua fé no futuro da nossa abordagem:

No *Universo da criação literária*, Edusp, 1993, Alfredo Bosi intitulou o Prefácio: *Nos meandros do manuscrito* e lembrava

a crítica das variantes exercida com perícia por mestres italianos como Gargiulio, Contini e De Robertis [...] Na hora difícil da interpretação interveio o último teórico sistemático da estética, Benedetto Croce.[...] Quando um autor cancela uma palavra, dizia Croce, ele está apagando uma díade inseparável de intuição-expressão; caso venha a substituí-la por outra, é porque uma nova *imago* verbal, animada por outro matiz afetiva ou cognitivo ocupou a sua consciência artística. [...] Quando encontramos rasuras, [...] estamos diante uma reestruturação perceptual, e não apenas de um ato de rigorismo estilístico praticado em abstrato, fora do nexos entre intuição e expressão.³

Entramos, a partir dos anos 70, em plena crise da modernidade *clássica*. Uma das pretensões mais ardidas da chamada era pós-moderna é, precisamente, a da desintegração de quaisquer critérios canônicos de valor estético; e a consequente admissão de que as alternativas se equivalem. Não haveria mais formas nem estilos-padrão. Nessa abertura sem margens, nesse descentramento que dá vertigem, a última vontade do autor valeria tanto quanto a primeira, a segunda ou a penúltima. Não existe um texto fechada e consagrado (Louis Hay chegou a dizer: “o texto não existe”); todos os traços escritos no papel, mal apagados, rasurados ou postos à margem, interessam à curiosidade de *voyeur* do microanalista à cata de lapsos, recalques, sublimações, liberações frustradas ou bem logradas.⁴

¹ Professor Titular na Universidade de São Paulo. Laboratório do Manuscrito Literário Universidade de São Paulo.

² Dedicatória manuscrita em Bosi, Alfredo, *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.

³ Willemart, Philippe, *Universo da criação literária*, São Paulo: Edusp, 1993, p.9-10.

⁴ Id., *ibid.*, p.12.

A crítica genética traz à luz uma surpreendente riqueza de materiais tantas vezes ignorados ou esquecidos e esta é sua principal qualidade. Por outro lado, levanta hipóteses não raro divergentes, o que longe de constituir um demérito, aponta para aquele regime de não-contradição, isto é, da *coincidentia oppositorum* que, segundo Freud, vigoraria no reino do inconsciente.[...]

Fica no leitor um sentimento de que o texto nem sempre (ou quase nunca) resultou de uma escolha consciente do autor; mas, ao contrário, nasceu e cresceu em um lugar de encontro de forças infra e supra pessoais que dele fazem objeto ora da psicanálise, ora da história dos estilos, dos gêneros, das ideologias.

Esse esvaziamento da psicologia da personalidade convém *a morte do autor* que Barthes anunciou em sua fase estruturalista. Extinto o sujeito que tudo centrava em si ao ditar o texto, surgiram logo o seus lépidos substitutos, o inconsciente genético, o inconsciente textual, o inconsciente narrativa, o inconsciente poético, o protonarrador, enfim o *scriptor*. Na verdade, essa proliferação de agentes tem um significado preciso não só no corpo das teorias literárias recentes como na história do processo cultural mais amplo que nos tem envolvido nos últimos decênios. “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, lema pós-moderno por excelência, quer agora dizer: todo conjunto de elementos que, em passado ainda próximo, era visto como *sistema* e entendido internamente como *estrutura*, desintegra-se hoje cedendo lugar a uma pluralidade aberta que beira o caos. Na crítica genética, essa mesma tendência se reconhece pela admissão reiterada de que diferentes instâncias vigem na elaboração do texto.⁵

E há mais: a força causal destas instâncias é relativizada, quando não rompida por dentro, pela presença do acaso, esse estranho demiurgo que sugere (*sub-gere*) palavras e frases a partir de sua radical indeterminação.[...]

Creio que dificilmente se encontraria na era pós-estruturalista, um caminho tão promissor para a decifração de manuscrito literário que o trilhado pela crítica genética.⁶

Bastidores da criação literária, Iluminuras, 1999

Ora, a hipótese de uma disseminação co-notativo está na raiz mesma da doutrina da linguagem de um filósofo napolitano dos Setecentos que sempre me serviu de lume no labirinto das teorias da poesia, Giambattista Vico.

Para o pensador original de *Ciência Nova*, o que caracteriza a expressão dos homens primitivos, das crianças e dos poetas é precisamente essa faculdade de dar múltiplos usos semânticos às palavras que, nessas fases aurorais da Humanidade e da existência individual, são fatalmente escassas em relação às crescentes necessidades de comunicação. Assim, o ser falante não só inventa os primeiros sons com que deseja significar o seu estar-no-mundo, como também os faz transitarem de um significado a outro, metafórico e metonimicamente. O chamado dizer “por figuras” seria, na filosofia de Vico um procedimento comum a todos os que precisam exprimir alguma coisa que não tenha sido ainda cabalmente codificada pela convenção

⁵ Id., *ibid.*, p. 13.

⁶ Id., *ibid.*, p. 14.

linguística-social: o que, *mutatis mutandis*, acabam fazendo todos os grandes poetas na sua irreprimível vocação de dizer o ainda não dito.

Abre-se, a partir dessa perspectiva, o leque amplo de questões que este prefácio não pode abordar, mas que são fundamentais no discurso crítico da obra. Restrinjo-me a apontar alguns temas de reflexão que o autor voltou a examinar em profundidade.

Inicialmente destaca-se o problema da autoria, isto é, da responsabilidade pessoal e social do escritor em face do Real [...] ⁷

O que separa o escritor do autor? Quem é o scriptor? Qual é o alcance do conceito de inconsciente genético? Quais as funções da imagem do manuscrito, tenho em conta que "*le manuscrit est le dessin de la pensée*", segundo a bela definição de Valéry? Mas os desenhos de Valéry não serão outras tantas formas de pensamento e de escrita paralelas ao seu texto? Enfim para penetrar na gênese das gêneses, o que significa criação no contexto da Escritura bíblica? Que o leitor acicatado pela força de tantas interrogações se apressa em dar-se o prazer da leitura dos ensaios, [...] é o desejo do prefaciador deste livro a um só tempo inquieto e inquietante. ⁸

Crítica genética e psicanálise, Perspectiva, 2005 com Prefácio intitulado: Um pensamento de fronteira

A análise miúda dos folhos encontra-se entre as páginas 35 e 55 desta edição. Não me parece apenas um *tour de force* de engenhosidade. A descrição desemboca em uma interpretação calçada na ideia de sistemas instáveis que se movem no interior de sistemas estáveis abrangentes. A geometria final se estabilizou depois de atravessar pequenas deformações que geraram efeitos não programados no início do processo da escrita. Aplicada à obra capital de Proust, a hipótese é a da vigência de fragmentos ou sub-regiões de sentido, com tons e perspectivas peculiares que, avançando e relacionando-se em um processo inconsciente, mas lógico, acabaram integrando-se. Daí nos vem um sentimento de uma obra estável, isto é, um conjunto emanado de um eu autoral, cuja unidade a escrita genética sempre contestou. [...].

A crise dos determinismos é um dos componentes da cultura pós-moderna, que prefere o múltiplo ao uno, o diferente ao repetitiva, o mutável ao estático, o descontínuo ao contínuo, a desconstrução à construção e, no limite, o caos à ordem. A nova epistemologia atraiu a crítica genética que desde o seu surgimento desonerou-se dos causalismos fechados, sejam estes sociológicos ou psicológicos. Como é sabido, a ideia de causa pesou tradicionalmente sobre a noção de gênese.

Praticar a crítica genética e (é) aventurar-se em campos de conhecimento que o estudioso de Letras em geral não percorra. Em outras palavras, atravessar aquelas fronteiras entre as Artes, a Literatura, as Ciências Humanas e as Ciências exatas e Biológicas onde, segundo a palavra de um cientista da linguagem, Roman Jakobson, podem surgir conceitos verdadeiramente originais e promissores. ⁹

⁷ Id., *Bastidores da criação literária*, São Paulo, Iluminuras, 1999, p.11.

⁸ Id., *ibid.*, p.12.

⁹ Id., *Crítica genética e psicanálise*, São Paulo, Perspectiva, 2005, p. X-XI.

Lembro também que Alfredo Bosi fez um estágio no Institut des Textes et Manuscrits Modernos em 1990 enviado pelo convênio FFLCH-USP/ITEM-CNRS criado pela Comissão dos convênios Internacionais (CCInt-USP).

Enfim, saúdo o grande homem que foi Alfredo Bosi, que soube entrever a importância da crítica genética no conjunto das teorias literárias vigentes ressaltando sua pós-modernidade e seu futuro promissor.